

# NOS TRILHOS DA ADORAÇÃO: LIDERANÇAS PENTECOSTAIS EM CULTOS NOS TRENS DO RIO DE JANEIRO

por Felipe Magalhães Lins<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca apresentar a forma como religião e espaço público se entrelaçam na cidade do Rio de Janeiro. Tomo como ponto de partida o caso dos grupos evangélicos que realizam cultos diários no interior dos trens da Central do Brasil. A partir disso, busco compreender como se desenrola a relação entre pregadores e pregadoras durante as pregações evangélicas e sua relação com suas igrejas.

**Palavras-chave:** evangélicos, trens urbanos, gênero, espaço público.

**Abstract:** This article aims to show how religion and public space are intertwined in the city of Rio de Janeiro. I take as a starting point the case of evangelical groups that perform daily worship services inside the trains of Central Brazil. From this, I seek to understand how the relationship unfolds between preachers and evangelical preachers during the sermons and their relationship with their churches.

**Keywords:** evangelicals, commuter rail, gender, public space.

A expansão do movimento evangélico no Brasil se deve por diversos fatores, entre eles por sua atuação em diferentes espaços, principalmente em espaços tidos como “públicos”. Pesquisas de tendências demográficas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o número de evangélicos no Brasil aumentou quase seis vezes em 60 anos. Para se ter uma idéia, em 1991 eles representavam cerca de 9% da população

---

<sup>1</sup> Felipe Magalhães Lins é bacharelando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [felipemlins.uerj@gmail.com](mailto:felipemlins.uerj@gmail.com).

brasileira. Segundo o ultimo censo realizado no Brasil, em 2000, esse numero quase dobrou ao atingir a marca de 15,4%. Essa intervenção direta de grupos religiosos na esfera do público da origem a uma série de elementos que causam grandes transformações na sociedade. Nesta comunicação pretendo analisar como grupos evangélicos se apropriavam desses espaços tidos como “públicos”, resignificando-o através de suas práticas religiosas. Utilizei como objeto de pesquisa, um fenômeno que vem ocorrendo no estado do Rio de Janeiro: grupos evangélicos que realizam cultos de louvor e adoração nos trens da cidade. A escolha desse tema se deu pelo fato de eu ser um usuário freqüente dos trens, sendo o principal meio de transporte entre a universidade e minha casa. Desse modo, já faz cerca de quatro anos que convivo com essa pratica religiosa no meu caminho.

Ao analisar os cultos evangélicos realizados nos trens urbanos do Rio de Janeiro, que já acontecem à cerca de 50 anos , pretendo observar como se constitui a relação entre homens e mulheres (pregadores e pregadoras) na ocupação dos cargos de liderança durante a realização dos cultos. Ao ressaltar esse fenômeno, pretendi lançar um olhar especial sobre essas lideranças femininas (pastoras e líderes de louvor) que atuam com grande freqüência nesses espaços.

Em um primeiro momento me dediquei a apenas observar como se constituía o universo dos cultos evangélicos realizados nos vagões de trens, e como se dava a relação entre pregadoras e pregadores ali presentes (*cf.* Lins, 2009). Num segundo momento realizei entrevistas abertas com lideranças femininas que atuam



nesses espaços, a fim de conhecer como se dava sua relação com suas igrejas, família e outras esferas sócias importantes.

O embarque nos trens se dá de forma bem organizada. Os grupos de pregadores(as) acomodam-se no centro do vagão de trem com o intuito de atingir a todos os passageiros daquele espaço com a sua voz. Um trem é composto de seis a oito vagões, no qual o segundo deles é sempre ocupado por esses grupos evangélicos. Cada trem possui um grupo de pregadores responsáveis por aquele trabalho no vagão. Ou seja, o trem que parte às 7h30 será reservado para o grupo de pregadores(as) *Alfa*, já o próximo será ocupado pelo grupo *Beta*, e assim sucessivamente.

Um ponto central nesta forma de manifestação religiosa pelos pentecostais é o trajeto percorrido pelo trem. Durante a pesquisa observei que os cultos ocorrem em um único sentido – da baixada fluminense para o centro da cidade . Sendo assim, esse é um movimento que vem do rural para o urbano, já que grande parte dos municípios da baixada fluminense tem uma forte presença do rural em sua paisagem. Além disso, esse fenômeno ocorre nos trens (e não no Metrô, por exemplo) por conta da grande expansão de igrejas pentecostais nas áreas pobres do estado.

Uma tentativa de fixar o que seria uma configuração ao mesmo tempo espacial e social das religiões no Rio de Janeiro é apresentada por Romero Jacob (Jacob, 2004), através de um mapa demográfico do estado feito em 2002. Neste se encontram os grupos religiosos segundo sua distribuição territorial. Haveria, de acordo com este

mapa, uma correlação entre certos territórios urbanos e uma predominância religiosa pentecostal. As zonas mais ricas, como a orla marítima da cidade, permanecem essencialmente católicas ao contrário das zonas mais pobres e periféricas, que se destacariam por uma forte presença de pentecostais.

Ao entrar no trem, o grupo inicia o culto com uma oração para agradecer a Deus pelo dia, rogando para que não haja nenhum imprevisto durante a viagem, principalmente acidentes que tem se tornado cada vez mais freqüentes. A estrutura dos cultos não foge muito ao padrão dos realizados nos templos. Há sempre uma pessoa que se responsabiliza por ser o dirigente do culto. Ele será o responsável pela distribuição de oportunidades para os demais participantes e passageiros presentes no trem.

Nem todos os passageiros que estão no vagão dos evangélicos compartilham da mesma religião. Claro que grande parte dos que estão ali naquele espaço justificam sua presença por conta dos cultos realizados, mas existem passageiros que embarcam naquele vagão do trem apenas por outros motivos. Um deles seria o fato dos cultos serem realizados no segundo vagão, serve de lugar estratégico para quem pretende desembarque rápido (por ser um dos primeiros carros da composição ele encontra-se mais próximo do portão de desembarque) pelo fato de estar indo para o local de trabalho ou estudo.

Quanto à formação dos grupos, eles se dividem em duas categorias: os grupos homogêneos e os grupos heterogêneos. Os



grupos homogêneos são aqueles em que os membros estão diretamente ligados a uma instituição religiosa com uma denominação específica, e sob a supervisão dos pastores daquela igreja. Já os grupos heterogêneos, são constituídos por membros pertencentes a diversas denominações como Assembléia de Deus, Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) etc. Ou seja, essa diversidade de denominações protestantes e pentecostais que se convergem, representa algo muito específico desse lugar, desse espaço, a esse pedaço (*cf.* Magnani, 1998). Encontro que dificilmente ocorreria uma vez fora dessa estrutura. Em oposição à formação em grupos, tida como tradicional, surgem pregadores que preferem uma evangelização solo. Essa atividade é justificada pelo fato dos grupos se limitarem a um espaço, restringindo assim o alcance da “palavra de Deus”. Desse modo, esse outro modo de pregar consiste em ficar durante toda a viagem passando de um vagão para o outro. Esse é caso o do Irmão Laércio, 42 anos, vigia noturno e membro da Igreja Assembléia de Deus, que deu o seguinte depoimento:

Não acho que devemos ficar presos a um vagão. Porventura Jesus se prendeu a Belém ou Nazaré? A resposta é: não!... Imagine quantas almas podemos “ganhar” para Jesus ou demônios expulsar numa simples “pulada” de um vagão para o outro.

A presença dos grupos evangélicos nos trens é muito questionada por parte dos passageiros que utilizam aquele meio de

transporte. A grande questão é que o trem é considerado um espaço público, sendo assim é errado que um grupo religioso se aproprie dele de tal forma com ocorre nesse caso. Essa questão acabou se desdobrando em uma questão judicial, quando a juíza Viviane do Amaral, da 7ª Vara Empresarial, concedeu um liminar vetando a realização dos cultos no trem. Segundo o grupo, essa é uma atitude de fere a liberdade de culto. Mas não é de hoje que grupos religiosos externalizam suas praticas no espaço público. Por exemplo, a imagem do Brasil como “maior país católico do mundo” se forjou ao longo do tempo tendo como principal aliado o Estado. Embora essas duas faces não estejam juntas hoje, a nação brasileira possui muitas marcas de sua “catolicidade”, como os feriados religiosos, a santa padroeira do Brasil e a estátua do Cristo Redentor na cidade do Rio de Janeiro (cf. Birman, 2003). Esse questionamento aparece no depoimento de um dos pregadores entrevistados:

Ainda resiste a visão de que só a Igreja Católica tem direito a manifestações religiosas. Ninguém fala nada de procissão católica!

Durante a pesquisa foram realizadas oito idas ao campo, todas durante o turno da manhã. Foram escolhidos dois grupos de pregadores(as) que realizam os cultos regularmente. O primeiro grupo era formado apenas por mulheres, todas com mais de 30 anos, algumas com filho(a), e pertencentes a uma mesma igreja. Dentre esse grupo destaca-se a Irmã Jane, 32 anos, casada e mãe de dois



filhos, é auxiliar de enfermagem de um hospital particular. Irmã Jane lidera um grupo de cinco mulheres que lhe acompanham durante a toda a viagem, que vai do município de Queimados até o centro do Rio. No decorrer do culto, são distribuídas oportunidades para todas essas mulheres que pregam, oram, louvam, entregam profecias e expulsam demônios. Todas as mulheres que estão ali naquele grupo estão ligadas a alguma igreja, mas nem todas possuem a autorização de seus pastores para realizarem aquele trabalho. Há grupos formados apenas por mulheres, como esse, mas por outro lado há grupos mistos, compostos por homens e mulheres.

O segundo grupo de pregadores que acompanhei tinha essa formação. Seus líderes eram a Irmã Maria e o Irmão Mauro. Embora Irmã Maria tenha que dividir a direção do “trabalho” como um homem, isso não se torna um problema para ela. Pelo contrário, o papel desempenhado por ela é o mesmo feito por ele, estando assim os dois em pé de igualdade. Em uma das viagens que acompanhei essa dupla, muito conhecida por todos os que freqüentam aquele trem, presenciei um fato que muito me chamou atenção. Ao chegar à estação Engenho de Dentro, algumas estações antes do terminal Central do Brasil, Irmão Mauro se despede dos passageiros e desembarca. A partir desse momento Irmã Maria assume o trabalho, dando continuidade ao culto. Esse episódio demonstra a existência de uma não obrigatoriedade da presença de lideranças masculinas no espaço, embora haja.

Nos cultos dos trens, as lideranças femininas irão ocupar um lugar de destaque nesse cenário. Durante a realização dos cultos, homens e mulheres ocupam o mesmo lugar na organização dos cultos sendo líderes de louvor, dirigentes dos cultos e pregadoras da palavra de Deus. Dessa forma rompe-se com a cadeia de hierarquia presente dentro das igrejas, embora que de forma temporária. Ainda que essa legitimidade ocorra na “rua”, não que dizer que não possa ser levada para dentro de “casa” (cf. Da Matta, 1997). Entendo que esse empoderamento que se apropria dessas mulheres, acabará promovendo uma ruptura na estrutura eclesiástica das igrejas. Um exemplo disso é o caso da Irmã Jane. Ela não possui um cargo eclesiástico em sua igreja, mas é chamada por todos de missionária Jane devido à atividade que desenvolve no trem. A partir do momento em que esses efeitos externos passam a agir dentro das igrejas, isso poderá ser visto como uma ameaça à liderança masculina existente até então, podendo causar um desligamento dessas mulheres com suas igrejas. Para Silva (2008), a cisão das líderes femininas com seus antigos pastores é de suma importância para estas, pois é a partir deste momento que se abre a possibilidade de construção de uma nova identidade para as mesmas (cf. *ibidem*).

O papel da mulher dentro das igrejas evangélicas possui muita semelhança com outros sistemas religiosos. Dentro das igrejas evangélicas existem funções que serão desempenhadas com base numa forte relação de gênero. Por exemplo, aos homens cabem as funções de pastores, ensinamentos doutrinários, secretariado e





gerenciamento financeiro. Já as mulheres estão, em sua maioria, envolvidas com atividades ligadas à cozinha, obra beneficente e social, grupo de oração e consagração, departamento infantil, limpeza e decoração do templo.

Ainda hoje, grande parte das igrejas não permite que a mulher pratique o pastorado. Somente as igrejas metodistas, luteranas, Anglicana, Exército da Salvação e Igreja do Evangelho Quadrangular e, posteriormente, a Presbiteriana Unida, aceitavam mulheres como pastoras em seus púlpitos. Na maioria das vezes a posição hierárquica de uma mulher dentro dessa estrutura será antes definida pelo cargo que seu marido possua, do que através da sua dentro desse universo (*cf.* Santos, 2002). Os cultos nos trens liderados por grupos femininos acabam por estimular uma fragmentação dessa estrutura hierárquica no momento em que essas mulheres passam a ocupar um papel de destaque, e legitimidade, fora de suas igrejas.

Nos últimos dois anos os cultos evangélicos nos trens vêm sendo reprimidos pelo Ministério Público, que decretou a proibição dos cultos (ou qualquer outra forma de manifestação religiosa) em forma de limiar, sob o número 2009.002.02539. Atualmente os cultos evangélicos nos trens estão suspensos, mas os líderes e integrantes dos grupos de pregação estão se mobilizando para reverter essa decisão judicial.

## **Referências bibliográficas**

- BIRMAN, P. (2003), *Imagens religiosas e projetos para futuro*. In: BIRMAN, P. (Org.). *Religião e espaço público*. São Paulo: Attar.
- DA MATTA, R. (1997), *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- JACOB, C. (2004), *Território e cidade no Brasil*. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 24/2.
- LINS, F. M. (2009), *Lideranças femininas em cultos evangélicos realizados nos trens urbanos do Rio de Janeiro*. In: VIII Graduação em Campo – Seminários de Antropologia Urbana, USP, São Paulo, 2009.
- MACHADO, M. D. C. (2005), *Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais*. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 13/2.
- MAGNANI, J. G. C. (1998), *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Hucitec.
- SANTOS, M. G. (2002), *A mulher na hierarquia evangélica: o pastorado feminino*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).
- SILVA, J. (2008), *Lideranças pentecostais femininas: notas sobre a re-elaboração da identidade feminina no meio pentecostal e sua influência nas demais esferas sociais*. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 2008.